

MARTIN GUIA

The cover features a surreal illustration. A large, ethereal figure with long, flowing, translucent wings and a long, flowing skirt stands in the center. The figure is rendered in shades of purple and pink. Below this figure, a smaller, dark, muscular figure is shown from the waist up, looking upwards and reaching towards the larger figure's hand. The background is a dark, starry space with a horizontal band of light. The overall mood is mysterious and dramatic.

PEDRO
QUE ÉS
PEDRA

MARTIN GUIA

PEDRO
QUE ÉS PEDRA

Prefácio de
Fernanda Botelho

Posfácio de
António Manuel Couto Viana



ÍNDICE

Para ganhar o meu espaço	11
À porta	12
Tinta	13
Gazela	14
Saudade do que não foi	16
Inquisição	17
Pomba da paz	28
<i>Dove of peace</i>	29
Junco	30
<i>Shara</i>	31
À sua imagem e semelhança	32
Vou partir rectas	33
Deus, raízes quadradas e quadrados	34
Vida	36
Penumbra	37
Cansaço	38
Perpianho	40
Vou semear	42
Não sou dono de nada	43
Já pensaste como seria	45
Coragem	47
Primeiro veio o cheiro	48
Testamento	50
Peixe	51
Filha	52
Alguém que seguiu Jesus	54
Já não sei o que foi	55
Picos da Europa	56
Pedro lançou a rede	58
Globais	60
Carta ao Pai Natal	62
<i>Bang</i>	63
Justiça	65
Deus é mulher	67
Conivência	69
Vivi	70
Geometria de Deus	71
Amar-te até morrer	79
Pai, porque é que, porquê	80
Sentado no ar	81
Gente deslocada	82

Meu pai via o céu, eu não	83
Falsa execução	84
Escreves lindo	86
Graça	87
Andam para aí à solta	88
Na aldeia onde nasci	90
Coisa ou alguém, se lutas	92
Cada cor seu paladar	93
A carta de amor que nunca recebi	96
Mulher renascida	97
<i>Aquarius</i>	98
Cavaleiro eterno	100
Deslocações	101
Autocracia	104
Contraluz	105

PREFÁCIO

Disse-o Natália Correia: "*a poesia também é para comer*". Quase uma questão de sobrevivência. E, se a poesia não nos alegra pelo sabor, se não desperta em nós um prazer de gula, se não nos lega uma emoção desencadeada por "*temperos*" significantes e significados, em harmonia entre si e conosco – então a poesia, ou não é poesia, ou é má poesia, ou, simplesmente, não é poesia para nosso deleite.

A poesia de Martin Guia, com os seus "*aromas*", a sua essência, desperta o nosso fervor poético, singulariza-se pela rara qualidade literária e reflexiva, inquiridora de todos os mistérios irresolúveis ou mal resolvidos. Os enigmas persistem, mas o questionamento, desvinculado de certezas, enuncia não obstante outras pistas, novos dados. E a reflexão, nos planos histórico, filosófico ou lírico, comporta um pendor satírico dulcificado que transfigura esta poesia, interrogativamente "*programática*", despida de arrogância mas rigorosa, numa "*arte poética*" com toda a devida fluência formal.

Poesia sempre livre, aleatoriamente rimada ou não, abrindo um espaço de sonoridade que avança num tempo redondo, inacabado, mas sempre a métrica é rigorosa, criando harmonia entre o escrito, o lido, o ouvido, atenta a litâneas de todas as conciliações, a todas as obsessões – a do divino e a da matéria, alto e baixo, céu e inferno, a História e os seus desacertos ... E são litâneas de credos racionalizáveis, na esperança de um trigo proveitosamente semeado em comum. Poesia, ainda, onde cabem o divino e as raízes quadradas, o pétreo e o inefável, o esperar e o desesperar, a sátira e a reflexão, o viver e o pensar.

A poesia também é para comer, e eis aqui, na observância de um ritual, uma transubstanciação da transitoriedade na substancialidade, dialéctica entre a emoção emergente e a razão fixante, golpeada a primeira pela segunda em termos formais de poesia. O título, de alusão bíblica, sugere essa mesma dualidade, Pedro e Pedra, o espírito e a matéria, o voo e a submersão, liberdade solta e sólida firmeza.

Uma poesia, esta, inteligente, culta, explícita, facilmente objectivada pela sua representação no leitor. Poesia filosofante, ressaltando do ego

para o universal, sem deixar de ser poesia, ou sendo poesia por isso mesmo.

Dir-se-ia deste poeta, já não jovem, que foi acumulando ao longo dos anos uma sabedoria irrequieta, que, por sorte, se tornou poeticamente transmissível.

Espera-se do público leitor que reconheça em Martin Guia um grande poeta, pela forma e pelo teor, que tudo racionaliza e universaliza, pela fé ou pela descrença, pela tolerância aberta a fórmulas que, não sendo *a priori* poéticas, se fazem poesia. E acrescente-se que esta é poesia para ser apreciada mesmo por quem não seja facilmente aliciado pelo género.

Talvez ao leitor se afigure que este texto seja mais emotivo que crítico. E terá razão. A poesia também é para emocionar. E de qualquer forma, um Prefácio não é tributário da crítica literária, antes é, semanticamente, uma apresentação e uma recomendação. Portanto ...

Prezado (a) leitor (a),

Aqui lhe apresento e recomendo uma excelente obra, *Pedro que és Pedra*, de Martin Guia.

Fernanda Botelho

Às árvores onde me ancore,
Pedro, Irene, Margarida e Luísa.

“ Não há caminhos para a paz; a paz é o caminho.”

Mohandas Mahatma Gandhi

“ ... o que fez por mim a poesia?

*Nela me despi
e vi que na verdade,*

nu e só ...,

tinha ganho a liberdade.”

Martin Guia

PARA GANHAR O MEU ESPAÇO

Para ganhar o meu espaço

afastei-vos

e nesse caminho
desertei-me,

sem sentir
a aridez
da areia
em que
me transformara.

Quando
me apercebi
da tristeza
do meu areal
sem árvores

desnudei a alma
e enfrentei

o que julgava
não ser,

mas era.

Desejei sombra.

Pouco a pouco,

fui-me
integrando
em todos vós ...,

primeiro
nos que amei,

depois nos outros ...,

... e no meu deserto
começaram a brotar
água, erva ...,

... palmeiras ...,

vida

na vossa renascida.

Escancarei as portas,
deixei-vos entrar

Suave,
docemente,
fui desaparecendo ...,

perdendo
a individualidade ...,

e sendo todos vós ...,

serenamente ...,

ganhei a divindade.

À PORTA

Da planície lavrada
onde tropeço,

fujo para uma bruma
cerrada,
que trôpego atravesso.

Sem ensejo,

arrefeço
na penumbra
que antevejo

Triste caminheiro,
desespero,
sinto que estou nu ... !

Num senão
que não espero,

resplandeço !

À porta do nevoeiro,

meu amor,

estavas tu !

TINTA

Escrevo numa folha
como tu imaculada,

num suave poisar
de aparo
semelhante ao
carinho
que te tenho,

no desespero
tamanho,
de não saber
como escrever,

porque, por mais leve
que seja o meu dizer,

ao transmitir-te
aquilo que sinto,

o papel será sempre
maculado pela tinta.

GAZELA

Quando o tempo acabar
quero cavalgar,
cavalgar sem parar,

quero partir
no salto da gazela
que nos joelhos aperto

e com o coração aberto,

no zunir do vento,

quero suavemente aterrar
numa outra planície

Na nova superfície,

quero sentir nas pernas
o tremor das coxas da gazela
que antecede o salto,

e salto após salto
quero ser parte dela

para saltar e atravessar

novos rios, mares,
campinas,
montanhas e colinas

até chegar
ao fim da planície
no meu findar de tempo ...,

para num novo alento,
comungado na gazela,

num último saltar,
e sendo parte dela,

suavemente poisar
numa outra superfície ...

que terei que cruzar ...

e talvez um dia

a planície que estarei a atravessar
seja aquela que agora vou largar.

SAUDADE DO QUE NÃO FOI

Nunca sentiste
súbita nostalgia
no triste entardecer
dum teu alegre dia ?

Sentir ansiedade
sem causa aparente,

vivendo algo ausente
que te faz saudade

de vida não vivida,
de sonho não sonhado,

d'algo inacabado
que nunca começou

e que te amou
sem te ter amado ?

Sentir a dor do que desconheceste
e o desespero do que não viveste,

recordar no coração
o que não foi,

sem esperança dum será ... ?

Se tu não ..., eu já !

INQUISIÇÃO

No ano 1215,
em Latrão,

Deus
mandou julgar,
sem perdão,

albigenses, cátaros,
búlgaros, publicanos,
maniqueístas, dualistas

e outros ímpios,
que criticá-Lo ousavam.

Como há quinhentos anos
alguns assim continuavam,

Deus,

que com Pilatos
aprendera,

profissionalizou
a Inquisição,

chamou-lhe
Santo Ofício,

e autorizou
Dom Henrique
e Torquemada,

a torturar,

mas sem matar ... !

(As tarefas sujas de queimar ou desmembrar,
a que o rebanho, para sua educação, assistiria,
tinham o senão de prejudicar a Sua imagem,

pelo que a partir daquele dia,
passaram a ser do foro da criadagem ...,

do poder secular,

cabendo à Inquisição arrancar a confissão,
e depois do réu aviado, ... encomendar).

Completo a Sua instrução,

com a instituição
dos *Autos de Fé...*,

... e por isso é que,

na madeira primeira,
da primeira pira,

chora e suspira

a linda Leonor,

Leonor, a cabreira
da loira cabeleira,

uma doce flor,

que aos quinze amou
um pastor que curou.

A desgraçada,
ao ser empalada,

ser feiticeira,
de si confessou.

Foi condenada a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na segunda madeira,
da segunda pira,

chora e suspira

Abraão,
o marrana,

que a fé abjurou,
para cristão se tornar
e assim se salvar.

Foi um engano:

a cristã beijaste !

Torturado,
sem eira, nem beira,

sem lhe ter tocado,

confessou ...,
que a sodomizou.

Foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na terceira madeira,
da terceira pira,

chora e suspira

Isaac,
o judeu

que para o estrangeiro
não fugiu,

e que ao Rei não deu
o dinheiro guardado,
com suor trabalhado,
que era muito seu.

Quando esquartelado,
confessou
que o tinha roubado.

Foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na quarta madeira,
da quarta pira,

chora e suspira

Rashid,
o mouro,

pelo desaforo
de ter amado
uma barregã,
que era cristã.

Por esse pecado

foi torturado ...,

... condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na quinta madeira,
da quinta pira,

chora e suspira

Maria,
a barregã

que pecou
porque
um mouro amou.

Torturada,
confessou bigamia,

foi condenada a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na sexta madeira,
da sexta pira,

chora e suspira

António,
o tonto

que nada entendia,

por ser diferente
réu de bruxaria.

Presa do Diabo,
quando interrogado,
não mais que sorria ...

... foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na sétima madeira,
da sétima pira,

chora e suspira

João,
o cientista

no tempo avançado,

de alquimia acusado.

Torturado, confessou
que o Diabo adorou.

Foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na oitava madeira,
da oitava pira,

chora e suspira

Joaquim,

médico
ecuménico,

que não distinguia
credo ou religião

e a todos tratava.

Na roda confessou
que uma vez ao curar
Belzebu invocou.

Não teve perdão.

Foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na nona madeira,
da nona pira,

chora e suspira

Manuel,
o marido

não querido,

cujas mulher

o rei cobiçou.

O coitado
foi martelado,

e confessou
que uma filha
incestou.

Foi condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na décima madeira,
da décima pira,

chora e suspira

José,
o sábio

que de Platão falava.

Porque Platão
não era cristão,

foi torturado ...

e condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na décima ... primeira madeira,
da décima ... primeira pira,

chora e suspira

Luiz,
o poeta

que a Verdade
cantou.

Torturado,
nada confessou,

e por isso ...,

condenado a morrer na fogueira ...,
... e no Eterno, a arder no Inferno !

Na décima ... segunda madeira,
da décima ... segunda pira,

ninguém chora ou suspira,

porque Judas,
o ateu assassino

que tantos delatou,

se fez dominicano
e depois professou !

Foi ilibado
do que fora acusado !

Não foi condenado a morrer na fogueira ...,
... nem no Eterno ..., a arder no Inferno !

Justiça Divina,

Leonor, a cabreira da linda cabeleira,
o cristão novo com nome de Abraão,
Isaac, o judeu com muito de seu,
Rashid, o mouro que só quis amar,
Maria, a barregã que amar se deixou,
António, o tonto que nada entendia,
João, o cientista no tempo adiantado,
Joaquim, o médico que a todos tratava,
Manuel, o marido da serva cobiçada,
José, o sábio que de Platão falou,
e Luiz, o poeta que a Verdade cantou,

por seu tanto pecar,
todos no Eterno ..., a arder no Inferno !

E no gozo das Delícias do Céu

Inocência, Conrado,
Henrique e Torquemada,

oficiais do Ofício,
que chamavam de Santo,

e quem,
sem quebranto,
com eles se congregou,

e com eles também
a Fé propagou.

Tudo isto,

até que há alguns dias,

Deus confessou

que *excessos houvera,*
... se tinha exagerado ...,

pedindo perdão

até a Galileu,

que nascera mais cedo

e não era Judeu !

Nesse mesmo dia,

Leonor, Isaac, Rashid, Maria,
António, Manuel, José, João,
Luiz, Joaquim e Abraão,

céleres,
com os outros trocaram

e tal Joanas d'Arc,
a Santos passaram.

Tudo só vantagens
com a súbita chamada
de Henrique e Torquemada,

...

o Inferno refinou ...

...

e o Céu alindou !

Por mim, tudo bem,

mas Cristo não sendo,
o que não lhes perdoou,

é terem mostrado

o meu Deus Menino
com rosto de assassino,

e usado Jesus,

que só pregou amor,
como arma de terror !

Entretanto aprendi,
que se for excomungado,
dentro de quinhentos anos
serei recuperado

juntamente

com os da Libertação,

que, na altura,
serão trocados
pelos da Congregação.

Mas o que são quinhentos anos numa Eternidade ?

Como de costume, só Judas esteve sempre bem.

POMBA DA PAZ

Pomba da paz,
meu animal preso,

roubaram-te a oliveira
e o tempo de defeso.

Quero-te e fui ao olival
na esperança fugaz
de te possuir,

sabendo que terás que fugir,
porque se não foges, morres.

Foge, meu amor, foge.

E tu, ... tu vem comigo ao olival !

DOVE OF PEACE

*Dove of peace,
my captured animal.*

*They stole your olive branch
and ignored the close season.*

*I wanted you
and so I went to the olive grove,*

*in the hope that in your flight
I could possess you ...,*

*knowing that you will flee
because if you don't, you will die.*

Run my love, run.

*And you ... you will come with me,
once again, to the olive grove,
to smell the olive tree.*

JUNCO

Frágil junco,
vi nascer a criança
que plantei.

Reguei
e, na minha esperança,
visualizei o carvalho
a cuja sombra
um dia
me abrigaria.

Afinal
era um *bonsai*
que queria ser tratado
e não podei.

Secou.

Hoje não tenho sombra.

SHARA

Qual a semelhança

entre a mulher
transviada
que a *Shara*
mata apedrejada,

e aquela que
é assada
no Eterno
pelos
que
nos vendem
a ideia
do Inferno ?

Uma e outra amou;

pelos restantes

Jesus não passou.

À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

Se Deus, que me criou,
se antecipasse
e perguntasse

a forma em que queria
ser moldado,

diria que,

na terra da guerra
e da criança
sem carinho,

preferia ser prensado

à semelhança

do golfinho !

VOU PARTIR RECTAS

Vou partir rectas,
quebrar ângulos,
triângulos
e polígonos

para pulverizá-los

e fazer o pó da tinta

com que desenharei,

no papel

do Universo
que serei,

a linha suave

que curvando,
voando,

curvando,
pairando,

num Mundo mais bonito . .

... me fará Infinito.

DEUS, RAÍZES QUADRADAS E QUADRADOS

Sabes que lá no Alto, no Eterno,
Deus é divisível por Céu e Inferno ?

Vê se não tenho razão,
presta atenção:

o Inferno é o
infinitamente mau
(infinito negativo)

que elevado ao quadrado
passa a infinito positivo.

O Céu é o
infinitamente bom
(infinito positivo)

que elevado ao quadrado
positivo é também.

Somando o quadrado dos infinitos
obtemos o infinito total, o Além.

Confere o resultado
com cuidado:

extraí a raiz quadrada do Além
já bem igualado
ao somatório dos
quadrados dos dois infinitos.

Resultado: infinito.

Extraí as raízes quadradas do
infinito negativo elevado ao
quadrado
e do infinito positivo
ao quadrado elevado.

Tout court,
resultado ... infinito.

Soma, subtrai, multiplica
e divide infinitos.

Resultado: uma vez mais, infinito.

Conclusão:

Eterno, Céu e Inferno
multiplicados por si
próprios,
quer queiram, quer não,
resultam no Eterno,
no Infinito,
no Deus uno e indivisível,

mas divisível também
por Céu e Inferno ...,

... acabando,

quod erat demonstrandum !

VIDA

Gelo que o sol degela,
e é água límpida
que escorre na serra

e engrossa o riacho,

que faz a ribeira,
que noutras converge,

e se faz rio
que desagua no mar,

que o sol evapora,

e vem logo a nuvem,
que a noite arrefece ...

e faz o gelo
que o sol degela,
e é água límpida
que escorre na serra

e engrossa o riacho

Vida,

amor que degela,
e é água límpida
que escorre na serra

e engrossa o riacho ...

que faz a ribeira ...

PENUMBRA

Nas sombras de Cristo e de Maria
tento às vezes vislumbrar
e pôr à minha luz do dia,
esse Deus, meu pai,
na penumbra escondido
e até esquecido,

a quem roubaram o espírito
e mataram um filho.

Não consigo.

CANSAÇO

Cansaço,
muito cansaço,
no abraço
que te dou,
Pátria minha,
na dor,
que se avizinha,
do teu fim.

Cansaço
é o que tenho
no desgosto tamanho
de te ver desaparecer
em cada dia,
na deslumbrante alegria
dos subsídios
que recebes.

Não percebes,
querida,
que te estão a comprar
e estás a ser vendida ?

Meu amor,
vem comigo,
luta ..., sai de prostituta,
larga os proxenetas
que te andam a chular,
e dá-te às Naus Catarinetas
com tanto que contar,
porque eu,
coitado,
mesmo embrulhado
em humana bruma,
quero que sejas rio
que veja desaguar
para ser imenso mar,
quero
deitar fora a dor, o frio,
e ser amor que acalente
a tua chama ausente,
quero olhar para ti
e ver-te como vi,
quando os olhos abri,
quero que sejas minha
e quero ser todo teu.

Quero ser eu !

PERPIANHO

De perpianho,

*(pedras brutas
de todo
tamanho,
aglomeradas
por argilas
amassadas),*

eram os muros
da casa
em que nasci,

que perpianho
me fizeram,

nos duros
restos do colmo
que me tapou
e onde dormi.

Por um sonho parti.

Por um sonho lutei ...,

trabalho, dinheiro ...

estrangeiro ...,

... construí ...,

mais dinheiro... !

Sem sentir,

fui primeiro
areia,

e a seguir
betão armado

na floresta
de cimento

em que me
converti.

Sufoco !

VOU SEMEAR

A seguir à luz,
que cortou a noite,
nasceu a Terra,

o Sol, a Lua,
o mar, a planície,
a serra,

o Homem,

a guerra,
os mortos,
os sem abrigo,
o quase-fim,

mas mesmo assim,

vou

contigo

semear trigo !

NÃO SOU DONO DE NADA

Não sou dono de nada
não sou dono de ninguém,

muito menos sou teu dono,
menos ainda sou alguém !

Tudo o que vês que tenho
não foi comprado ou dado,

nada mais é que emprestado
pelo tempo que viver,

e na hora de morrer,

só a saudade que deixar
me irá acompanhar.

Não sou teu dono !

Só de ti quero
o que quiseres dar.

Não desespero em achar
quantos homens te amaram,
quantos amaste tu,

... foram eles que te fizeram !

Podes ficar, partir, ir,
estar, seguir, volver ...,

porque em verdade,

só sou dono da saudade
que em ti ficar ..., quando morrer.

JÁ PENSASTES COMO SERIA

Já pensaste como seria
se tivesses nascido
num distante lugar
no mesmo ano e dia ?

Talvez negasses
ao que hoje te apegas

e te agarrasses
ao que agora negas ...,

serias budista
ou mesmo xintoísta,

adorarias Manitu,
ou a deusa Visnu,

amarias
um Cristo católico
(porque não protestante ?),

e serias

dos céus paranóico,
ou cavaleiro andante,

talvez wagneriano,
ou de Deus moliceiro,

todo puritano,
ou conde de andeiro,

o teu Deus real
seria igual
ou diferente do teu,

terias o Deus que a Terra te deu,

diferente do meu,

feito na miragem
da sua própria
imagem,
da minha e da tua,

por isso diferente
porque muda de rua,

na verdade aparente
de cada lugar

em que eu estiver

e tu queiras ficar.

CORAGEM

Por teres a coragem
de ter a coragem
de me abandonar

e não perdoar,

queria,

por muito te amar,

não ter a coragem
de ter a coragem

de me afastar.

PRIMEIRO VEIO O CHEIRO

Primeiro ...,

... primeiro veio
o cheiro ...,

suave, ligeiro ...,
com sabor a paz,

que fugaz não quedou,

porque ao respirar
o teu cheiro voltou,

entranhado no ar,
colado na brisa
que no ventre desliza ...

... e emprenha,

qual roda de azenha
mergulhada no mar ...,

a rodar, a girar

fico vento,

que eu próprio pari
cavalgando a brisa
que emana de ti,

num estranho voar
sem mais acabar

que me faz tufão,

pai do furacão

que te assola e imola ...,

e depois se suaviza

e volta a ser brisa ...,

... no peso do cheiro.

TESTAMENTO

Quando morrer,
faz-me uma festa,

animada, garrida,
bailada, vivida,

que comigo diga,

sem desespero,
luto ou choro,

só com o cheiro
do suor do bailar

de ti a dançar !

Eu serei a música !

PEIXE

Na bola redonda,
transparente,
onde me apertas

procuro a onda
do mar ausente
donde me afastas ...,

mas só voltas dou.

Já não sei onde estou,

só sei
que vou e venho
e venho e vou.

Cego peregrino
sem destino,
imaginei-me no mar,

onde sem parar,

ia e vinha
e vinha e ia,

no ritual estranho
do ir ,vir e ir,

num finito
que sonhei infinito ...,

já nem mesmo sei,
amor, se és tu o mar

Se fores,

diz-me

para que volte a nadar !

FILHA

Filha ...,

... agora

revejo-te com os olhos
que te viram nascer,

sentindo na cara
o beijo húmido,
molhado,

que me deste
quando
começaste a beijar.

Sinto na alma
o cheiro
da tua pele macia
de bebé lavado,
perfumado
com o cheiro
da sua própria pele.

Revejo
os passos trôpegos
com que iniciaste
a caminhada,
mas sinto
sobretudo
a confiança .
das tuas mãos
estendidas.

Oiço os sons
que balbuciaste
quando quiseste
fazer parte de nós,
na esperança
que de mim
te lembrasses.

Esqueci as noites
mal dormidas
e já não sinto
na carne e na alma
as tuas revoltas,
ou as aulas a que faltaste ...

... nem tão pouco
o que sofri
quando partiste,

... só sinto
o vazio
que deixaste ficar.

Sinto menos
os sucessos
a que me habituaste
do que as dores
que em ti adivinho.

Cada dia que passa
vejo-te mais
como a menina
pequenina
que quero proteger.

Será por sentir
mais próxima
a partida ?

Um beijo grande.

ALGUÉM QUE SEGUIU JESUS

Vi-te
nascer,

e sei bem
que só querias
ser
abraço,

mas
a saudade
de alguém
que perdeste
fez-te aço,

para seres
a minha porta
entreaberta

do Templo
que já és
e erigiste,

com a coragem

de Quem amas,

e faz de ti Mensagem !

JÁ NÃO SEI O QUE FOI

Já não sei o que foi,
nem se foi ou não foi,
e se foi, como foi.

Só sei que,

na graça plena
do carinho
tamanho
que te tenho,

fosse ou não fosse,

valeu a pena !

PICOS DA EUROPA

Na estrada
estreita
e escura,

alongada
pela luz
da viatura

que
conduz
ao infinito,

caiu de súbito,
um nevoeiro
cerrado

que
me confinou

a um metro
de cinzento
bafiento

contrastado
num *capot*.

Lentamente
prossigo,

de quilómetro
em quilómetro,

somente apoiado
nos contornos
de um mundo
vagamente
vislumbrado

...

Num segundo,
travo !

Deitado na estrada ..., um cavalo !

Minha querida,
que vontade tive de abraçá-lo !

PEDRO LANÇOU A REDE

Como lhe cabia,

Pedro lançou a rede,
pescou,
mas depois deitou fora:

um padre todo ele heresia;

um assassino que tinha morto
um cristão que rezar não sabia;

o cristão que rezar não sabia;

um ladrão que tinha roubado
um cidadão que muito pecara;

o cidadão que muito pecara;

um senhor que não perdoou
a outro que o aleijou;

o senhor que o outro aleijou;

um homem que já mentira
a outro que lhe retribuía;

o homem que retribuía;

um mouro que fora infiel
a cristã doutra cor de pele;

a cristã doutra cor de pele
por ter amado um infiel;

um judeu que o pai delatou
e outro que seu Deus negou ...,

e assim seguiu,
pescando e buscando

o Homem
à imagem de Deus,

que nunca pecara
e tudo perdoara ...,

que lhe ornaria os Céus

No fim,

ficou a casa vazia, ele, Pedro,
a Trindade e a Virgem Maria.

Na mesma noite, Pedro pensou melhor e demitiu-se.

GLOBAIS

Globais,
muito ...,
muito iguais.

Cinzentos,

nada de brancos,
amarelos,
pretos e vermelhos

vivos ...,

...

...vivos
só pardacentos
mortos...,

...

... mortos

na abstracção
planeada
que muda a cor
a continentes ...,

cada dia
mais esbatida,

no findar da vida
que conheço.

Padeço
com a pátria
que era só minha,

minha, muito minha,

e me foge
trocada por dinheiro ...,
sou estrangeiro ...

às perdas

pensadas,
escalonadas,

que não mandatei,

da soberania
que herdei,

...

na nostalgia de saber ...,

que o que sou hoje

amanhã não vou ser !

CARTA AO PAI NATAL

Belém, ano 1 da minha Era.

Querido Pai Natal,

espera,

tenho frio,
mas dá a manta
a um menino
sem chaminé
mais descalço
do que eu

Há tantos !

Só te peço
a graça
de beijar o Pai
que desconheço
antes de morrer,

e que Ele
me imole
sem sofrer.

Um beijinho

Menino Jesus

O Pai Natal,
que é rico e do Norte,

não atendeu ...,
virou-se de lado
e adormeceu !

BANG

Bang,

e do Caos nasce
a Luz ...,

... ou talvez seja ...,

Caos que faz

bang,

donde sai a Luz
que cria um Adão,
que pare uma Eva ...,

que por ter pecado,

a Jesus nos leva ...,

... e mais tarde a mim ...,

para ser julgado
no *Dia do Fim* ...;

... ou será ...

bang,

e do caos
nasce a luz

que cria a energia
que pare o micro-pus,

que leva a rhesus,
a darwin
e ao homem jesus ...,

... mais tarde a mim ...,

para ser estoirado
no *Dia do Fim* ?

No *Dia do Fim*,

estoiro no *Big Bang*,

que leva à luz,
a Adão e a Eva,

ou ao micro-pus !

Portanto não se assustem.

JUSTIÇA

Deus, divina justiça,

quando castiga a cobiça
para um mesmo pecado
que por si já foi julgado,

quer que todo o pecador
sinta sempre a mesma dor

(mesmo pecado, igual dor),

assim, equitativamente,

a menino pobre com frio
retira-lhe a pouca roupa

e a rico e luzidio
obriga-o a comer a sopa

(como com toda a gente: dor igual,
sentir diferente).

Igualmente é tradição
e ponto assente,

que uma mesma boa acção
dará ao seu pio autor
prémio de igual valor

(acção igual, felicidade igual),

e porque esta lei existe,
num caso por si julgado,

sorrindo recompensou
um pobre menino triste
com um lindo rebuçado,

e de seguida premiou
um menino abastado,

que do outro se abeirou,

e por Si autorizado,

o rebuçado roubou !

(como com toda a gente: felicidade igual, sentir diferente).

DEUS É MULHER

Deus

é um Ser
não Ser

sem gravidade
e sempre dia,

que em alegria
e suavidade

nos levita,

rio sereno
que flutua
em cheiro
ameno
de flor ...,

graça de amor
que nos abraça,

sinfonia
do jardim
que regou

em que nós
restamos
e Ele ficou,

éden onde

não me passas
nem te passo ...,

trespassamos ...,

e ao faze-lo
gozamos,

Ser que aceita
os teus
e os meus filhos
como Seus

para Nele viverem ...,

e por assim ser também,

Deus é a Mulher e Mãe,
ansiosa pelo filho que não vem !

CONIVÊNCIA

Conivência ...,

... dentes brancos
sobrando dos lábios
sábios
que desejo,

que esboçam
o sorriso,

que antecipo
ir passar
pelos olhos
para acabar em riso !

VIVI

Quando tenho ensejo
revejo

o que passei,

o muito que sofri,
o muito que amei,
aquilo que defendi,

por onde andei,

por quem me bati,
as vezes que cheguei,
e aquelas que parti,

o que sonhei,

o que consegui,
o que falhei,
o que vi e não vi.

Sei que tenho sorte
por ter vivido assim,

já matei a morte

antes do meu fim !

GEOMETRIA DE DEUS

O meu Deus é um triângulo
(equilátero e quadrado),

mas eu aceito
e ele aceita

um Deus teu
diferente do meu,

redondo,
cúbico,
quadrado,
oblongo,
sextavado,
ou mesmo oitavado,

...

como tu quiseres.

...

Se acaso preferes,
pode ser,
porque não,

um trapézio

donde partirás
suave voando
para a tua paixão.

Vou falar-te do Deus meu
que não é melhor que o teu:

Pai, Filho e Espírito Santo.
Fé, Esperança e Caridade.
Sabedoria, Força e Beleza.

Do Pai, o amor,
da Esperança, a claridade,
da Beleza, o canto.

Amor, claridade, canto,

encanto...

... e encanto também,
é que todo o triângulo
contém uma Mãe !

Pai, Filho e Espírito Santo.

Sem Mãe
não há filho,
nem Deus,
nem ninguém,

...

nem riso, nem pranto,

...

desaparece o ângulo,
acaba o triângulo
passa tudo a recta.

Fé, Esperança e Caridade.

Imagem concreta
da linha correcta,

mas que no triângulo,

sem a Bondade,
Mãe da Caridade,

reduz a zero o ângulo

...

e passa a linha nada,

...

recta inacabada
que sem ter Mãe
nos perde no Além.

Sabedoria, Força e Beleza.

Que delas seria
sem a Mãe
Natureza?

Um nada sem nada,
um nada sem Além,
sem arabesco ou laço,
certeza ou incerteza,

...

sem risco e sem traço,
secante ou tangente,

...

um nada gritante,
cortante,
pungente, doente,

...

um nada sem gente,

...

um nada absoluto,

...

só luto
e inferno,

...

luto e mais luto,

...

e no luto eterno,
luto, sempre luto !

O meu Deus tem Mãe !

E por tanto A amar,

sem somar qualquer ângulo
ao triângulo continuado
no que ele tem de belo,

é por milagre Dela,
por Ela e com Ela,

que para Ela se adorna,
se transforma e torna
num lindo quadrado !

Quando te falo de Deus
e dos Céus,
não te nego
que o meu Deus é cego:

Zeus,
Confúncio,
Yamanjá,
Cristo, Visnu,

e, se te sentires Deus,
até mesmo Tu,

Allah, Mahomet
e Buda,

sem falar já
d' Yggdrasill, Thor,
Bragi, Freya e Bor,
ou de Jeová
e Heimdall ...

... para Ele é tudo igual,

um lado igual a outro lado,
da mesma dimensão,
sem diferenciação ...,

equilateralmente quadrado !

Se ao meu Deus
lembrarmos
ou falarmos
do Homem
que criou,

...

exaspera-se,
desespera-se,

...

porque falhou !

Em barro moldado,
a Deus semelhante,
após ser soprado
tudo ele piorou,
tornou-se arrogante
e quis ser diferente
de toda a outra gente...,

...

desigual
do mortal seu igual.

Ficou mais mortal !

Daltónico crónico,
este Deus que é meu,
e talvez também teu,
não distingue cores,
odores, igreja,
ou que quer que seja;

é tudo igual,
tudo natural,

preto, encarnado,
tostado, rosado,
artista, judeu,
comunista,
centrista, plebeu,
branco, amarelo,
rei, puta, pobre,
nobre, sandeu ...,

valão, vilão,
ortodoxo, cristão,
chinês, português,
criado, patrão,
burguês,
francês, inglês,
americano,
tibetano,
batista,
havaiano,
maratonista,
trapezista,
tu, eu ...,

cada lado
igual e total,
na mesma traça,
da mesma raça,
no mesmo
calor de
amar de amor
que nos abraça,

...
equilaterado
e equilibrado !

Já te dei dois lados
do triângulo quadrado,
ou quadrado triângulo

...

que é o Deus meu;

...

falta um,
o terceiro ...

...

que é o Deus teu

...

afinal, principal,
primeiro,

...

porque sem o Deus teu
chegado ao meu,

sem o teu amor
e sem o Seu calor,

sou o homem só,
homem cinza e pó
no seu eterno adeus,

...

sem ti, sem Deus,

...

até sem mim,

...

quase no fim
do Fim,

...

no Fim !

O quarto lado protege os Céus,
afasta o perigo e agasalha Deus !

Abrigo do Além,

é o lado da Mãe !

AMAR-TE ATÉ MORRER

Amar-te até morrer,
morrer na beleza do teu doce ser;

viver
no carinho infindo do teu riso;

nadar, flutuar
no mar imenso do teu corpo liso;

tocar, beijar
a doce ternura do teu sereno olhar;

vibrar, entrar
na loucura quente do teu louco ventre;

chupar do teu peito o leite do filho que fizemos;

amar-te,
ver-te até morrer,

renascer
na suave beleza do teu doce ser.

PAI, PORQUE É QUE, PORQUÊ ?

Pai, porque é que, porquê ?

Porque ...

e porquê ?

Porque ...

E porquê, *porque ...*

e porquê, *porque ...*

e porquê, *porque ... !*

No primeiro *porque*
que eu não sabia,

dei-lhe Deus,
os Céus,
e a Utopia !

SENTADO NO AR

Sentado no ar,
seguro pelos rebites
prateados das asas,

velejo

na busca dum sol

que me aqueça

e afaste
o frio húmido
das nuvens
que atravesso,

sempre preso
na vaga saudade
do chão firme,

que desagua
e me oprime

no desespero
sem fé

da espera
da chávena de chá,
ou de café,

que se atrasa
e não vem,

... onde inexoravelmente aterro.

GENTE DESLOCADA

Genéte deslocada,

manada de homens nus,

irremediavelmente ...,
inexoravelmente,

fadada como os gnus,

a ir do Seringueti
ao Massaimara,
e do Massaimara
ao Seringueti,

à procura
da semente
da vida,

para ser vida,
que dá vida

aos predadores,

só se salvando
o homem-gnu
que se vende,

e a si próprio
se cativa

na jaula
de primeira
ou terceira

do jardim zoológico,
para ele de luxo,
em que foi preso ...

... e que é passado em todas as televisões.

MEU PAI VIA O CÉU, EU NÃO

Meu pai via o céu,
eu não ...,

deixei
de olhar para cima.

Passeio
olhos postos no chão,

ao encontrão,

abstraido
na floresta dos troncos
da gente que me cruza

e não fito.

Só fixo a montra
do que gostaria
comprar

e não posso,

ou que compro,

juntando à alegria,
a nostalgia
do desencanto
do que irei trabalhar,

trocando prestação
por prestação,

em consumismos infindáveis,

jamais satisfeitos.

FALSA EXECUÇÃO

Só, na sua sorte,

cabeça ensacada,
amarrado a um poste,

na solidão da morte
antecipada ...

Carregar armas. ... Apontar. ... Fogo !

(terrete, tcháque) (páque),

só um seco *páque* !

Armas sem balas,
numa falsa execução,
inserida
na destruição em vida
duma vida,

pouco ou nada será,
se comparada

com a Paixão de Isaac
e seu pai Abraão,

que
para a Deus
obedecer

irá matar o filho ...,

na pira amarrado
prestes a morrer ...,

... Abraão,

empunhando
o cutelo,

que já célere descia ...,

... travado

no último momento

pelo Anjo

desse Deus

Omnipotente
e Clemente !

Para tão horrendo ser,
necessário seria

integrar
o pai
no pelotão

(desconhecendo
estar sem balas
na culatra),

e

que o filho

soubesse
de antemão

que o pai
lhe daria
o *coup de grâce*,

e comandaria a execução !

ESCREVES LINDO

(Invocando C. Macedo)

Escreveste:

“ (...) e se a nossa razão fosse eliminada e só sobrasse o primário onde nada faz sentido, nada tem lógica, onde se é guiado apenas pelas sensações
“

“ (...) a volta ao animal que só vive guiado pelo instinto, pela sensação, pelo afecto ... “

“ (...) até que o corpo não contivesse essa calma e transbordasse em prazer, calor, movimento, então já não seríamos dois e sim um, no momento mágico do encontro. “

Que magia !

Quanto amaria ter em mim poesia para escrever assim,

porque enquanto lia a história desse teu amor sem fim,

fui só pedaço teu que em ti entrou e toda te envolveu !

GRAÇA

Há quem tenha a desgraça,
de na desgraça ou na graça,

encontrar sempre desgraça

e há quem tenha a graça,
de na graça ou na desgraça,

encontrar sempre uma graça,

que, na desgraça da desgraça,
faz mudar desgraça em graça

e acaba com a desgraça

na graça da sua graça !

ANDAM PARA AÍ À SOLTA

Andam para aí à solta

chacais
sós, ou
em matilha,

diferentes
mas iguais

a aves de rapina
de colar branco,

que para ti olham
como carne podre

e diariamente
te digerem
e expelem

para te digerir
outra vez,

e outra vez te digerir
e expelir,

e outra vez
te comer,
digerir e cuspir.

... e outra vez ...

... e outra vez

Que és tu
senão massa informe
livre para levedar

e ser moldada

ao gosto dos
abutres e chacais ?

Ou serás chacal ?

Abutre ?

NA ALDEIA ONDE NASCI

Na aldeia onde nasci,

tudo era bonito
e tranquilo,

eu era o Zé da Horta,
filho da Tia Bia,
irmã da Maria Tila,
da família dos Vicentes,

na rua,

um Ó Zé, *bom dia,*
como vai a Tia Bia ?

(Era um em quinhentos).

Depois,
foi a escola da vila,
de mim pouco sabiam,
mas muitos me diziam:

És filho da Tia Bia ?
Deus te salve e dê bom dia !

(Era um em cinco mil).

Num Abril
de águas mil,
levaram-me
para a cidade,

cursei
a universidade,

empreguei-me ...,

... adaptei e casei ...,

só às vezes
me indignava,
ao ver na televisão
o que no país
se passava !

(Na rua
só me falavam
os que já me conheciam,
... era só um num milhão).

Agora

sou
o europeu

que se desespera
na espera

de um *guten Tag*,
wie geht es Ihnen ?

todo
embrulhado
em carinho,

mas

junto
a trezentos
milhões ...

...

descobri que estou sozinho !

COISA OU ALGUÉM, SE LUTAS

Sempre houve alguém
que comeu alguém,

qualquer coisa
que comeu qualquer coisa,

qualquer coisa
que comeu alguém

e alguém
que comeu qualquer coisa.

Se lutas, vais mais depressa.

Luta !

CADA COR SEU PALADAR

*Cada cor seu paladar,
cada cor seu paladar ...,*

lá estavam eles,

os rebuçados,

anelos
aconchegados
do meu tempo
de criança,

lado a lado
adormecidos
no cabedal
da seira,

qual feira
de esperança

de arcos-íris
escondidos ...,

... rebuçados queridos ...

cobiçados

pelo
menino fino,
pelo outro,
por aquele,
por este,

por mim ...,

na atracção,
sem fim

da criançada

pela doce refeição,
que lhe é apregoada:

*um tostão cada,
um tostão cada ...,*

*vai a um tostão,
vai a um tostão ...,*

*uma dúzia, dez tostões,
uma dúzia, dez tostões ... !*

Vinham os safanões,

depois

a correria
colorida

dos meninos finos ...,

a gritaria
das moedas
libertadas
num desapertar
de lenço ...

... as mãos levantadas
a reclamar

o deus dos reбуçados ...,

meninos pobres,
desafortunados
sem ensejo,

todos eles
sentados
em desejo.

Eu,

garganta sedenta,
queria só dos *verdes* ...,

dos de menta !

Para mim,

verde,

ainda
é
sabor
a esperança ...,

a doçura
com ardor
de frescura ...,

a mar ...,

a mulher ...,

a criança ...,

...

a prazer
inacabado ...,

por não recordar

uma só mão
de menino fino

, a dar um rebuçado !

(Mas lembro o rebuçado lambuzado por um pobre franzino, que
depois vi ser chupado por seu irmão menino)

A CARTA DE AMOR QUE NUNCA RECEBI

A carta de amor,
que não escreveste
e nunca recebi ...,

veio de ti,

no perfume
do ardor
que acendeste

no lume
amigo
da saudade
que não tens,

... por me teres

... e estares comigo aqui !

MULHER RENASCIDA

Via-te alegre, solta, radiante,
segura, muito segura de ti.

Sempre uma palavra amiga,
um sorriso, um riso

Comecei a ouvir
o poema que me leste ...

e nesse segundo
senti quanto agreste
teria sido o teu mundo
só porque nasceste.

Pouco a pouco,
fiz parte de ti

e cresci ..., cresci ...,

até que me enchi

de dor partilhada
em rima inacabada.

No poema acabado,

ao meu colado,
teu corpo cedeu,

o meu deu
e no dar sofri,

mas também ri

ao ver-te alegre, solta, radiante,

segura ..., muito segura de ti.

AQUARIUS

No silêncio imenso
do meu aquário
vejo,

mas não te escuto
nem pertenço.

Solitário,
num eterno nadar,

já não te invejo ...,

nem luto por trocar

o ruído da gota
que meu mar agita

pelo som do olhar
que me fita ...

e não me vê,

o teu,

tão oposto ao meu,

que te vê afogar
no ar dum aquário,
que o voo te castra

e de mim te afasta.

Calvário de
vidros transparentes
mas diferentes,

um vitral cheio de patrão,
outro de meios de transporte,
um outro de habitação,
o quarto de medo à morte ...,

na tampa, só televisões ...,

no fundo, só prestações.

Eu, só meditação,

tu, só habituação.

Prefiro ser peixe.

CAVALEIRO ETERNO

Cavaleiro eterno,

monto o tornado
da paixão
que é inferno ...,

...

amaino
e aterro no ocaso

dessa mata
frondosa,

teu oásis de perigo,

que desconhece
inverno

e me quer dar abrigo !

Bebo da tua água,
aqueço, estremeço,

descansando
depois
até amanhecer,

na espera ansiosa
do ciclo do inferno

de cada entardecer.

DESLOCAÇÕES

Sou *ucraniano*,
pai,
e *engenheiro*.

Que bom,
findou o *comunismo*.

Na saudade
e sem dinheiro,
ganhei a liberdade
de trabalhar ilegal,
em Portugal,

como *pedreiro*.

Sou *cabo-verdiano*
sem saber escrever.

Que bom,
findou o *colonialismo*.

Ganhei a liberdade
da saudade da mulher
e da morna ausente,
trabalhando ilegal,
em Portugal,

como *servente*.

Sou *brasileiro*,
vagamente dentista.

Que bom,
findou a *ditadura*.

Fui para o estrangeiro
para arranjar dinheiro
e tive a ventura
de, em Portugal,
passar de semi-legal,

a *médico profissional*.

Que bom,

sou *alemão*,
servente,
pouco dinheiro.

Continuando a *situação*,

passo férias no estrangeiro,
no aldeamento ilegal
desse lindo Portugal,

onde me chamam

banqueiro.

Sou *normal*,
portuguesa
e agora *européia*.

Que bom,

findou o *isolamento*.

Passei a ser legal
e já existo
para a *securité sociale*.

Tive aumento
e, de momento,
até que alguém me chame,

continuo a *servir a madame*.

Sou *português*,
européu,
anti-fascista
e *economista*.

Que bom,

findou a *ditadura*

e, a exemplo do dentista,
tenho a ventura de
de trabalhar,
semi-legal,
em Portugal,

como *fadista*.

AUTOCRACIA

Se no teu coração
só bater democracia,

é na liberdade da tua razão
e na razão da minha liberdade

que, te dando a mão,
aceito a tua autocracia.

Mas se em verdade
nele só pairar vaidade,

é sem hesitação

que repudio a tua tirania

e recuso a liberdade
da tua democracia.

CONTRALUZ

No contra-sol
do sol
que baixava,

o teu cabelo,
que é preto,
avermelhou

e a colina verde,

recortada no céu
que a enquadrava,

fundi-se
na explosão
roxo
laranja
que abraçou.

Foi no esforço
de aos dois ver
que de súbito
entendi,

que
na escuridão,
a urze
verde restaria

e

que tu,

mesmo
em pleno dia,

só eras falsa luz
do contraluz

que via.

e

que tu,

mesmo
em pleno dia,

eras urze e contraluz
de toda a luz

que via.

Agora escolhe.

Amor,
não desesperes
em fazer-me sempre feliz,
porque se assim fosse

ignoraria o que era sê-lo.

É sempre um motivo de regozijo, para um poeta, surpreender o nascimento de outro poeta, autêntico e singular compositor de beleza.

Foi esse feliz momento que pude viver, ao ler os versos de Martin Guia (nome de Cancioneiro), reunidos no volume *Pedro que és Pedra*.

Versos adultos, na profundidade de pensamento.

Versos adolescentes, na espontaneidade e agilidade dos ritmos em que se desenvolvem e logo cativam.

Neles, relevo a subtileza da sátira, para a qual o autor me parece vocacionado.

E a sua meditação metafísica, sempre vigiada por um espírito crítico certo e magoado.

Enfim, eis um poeta diferente, abordando temas da Eternidade, que veio enriquecer a imensa teoria dos nossos lídimos cantores.

António Manuel Couto Viana



MARTIN GUIA

«(...) a arte de viver em harmonia com a vida (...) a sua maneira de estar na vida está bem presente quando escreve "(...) nada mais pedindo/ que a tua condição de ser/ para contigo estar/e com muito amor te amar...» ou «que bom é o caminho/ em que para te dar/ e a ti me dar/ soffro/ ao respeitar o caminho/ que escolheste (...) Respeito-o porque é teu/ e porque respeitando-o/ me respeito (...) Sabes o que faço na realidade?/ Vivo na tua a minha liberdade.» Um livro a não perder.

Alexandra Ferreira, *Correio da Manhã*, 19/07/01

País de poetas nos chamaram e a classificação não dá mostras de cansaço ou de menor justiça. Quando se começar a pensar que os ritmos, rimas e imagens já estão esgotados, logo aparece alguém a desmentir e tanger a lira com novas originalidades. (...) Martin Guia usa um estilo directo, com o seu quê de agridoce, que é como quem diz, emprega a suavidade para disfarçar a amargura. (...) e no conjunto sobressai a ânsia de solidariedade e de uma Terra habitável. Áppio Sottomayor, *A Capital*, 09/08/01

(...) Amarguras encantadas (...) são reflexões plenas de humanismo que o autor deixa em estrofes simples, por vezes enveredando pela metáfora (...) onde a lírica, não isenta de nostalgia narrativa, põe a nu dramas ou meramente ironiza sobre clichés (...) o autor não hipoteca a ideia em seu favor, procurando em cada termo a alegoria que sirva a ideia-força, foco da sua atenção, que procura ampliar, dar eco junto dos leitores e assim quedar-se quase catártico. (...) Combate esterótipos, define paisagens, reinventa cenários e faz-nos acreditar em algo melhor, dentro de nós.

O Diabo, Leituras, 18/09/01

Uma excelente leitura para férias, Pedra Angular de Martin Guia.

Marcela Rebelo de Sousa, *TU*